Finalidades, formas e aspectos sociais da educação de adultos

Daura Santiago Rangel[1]

Lente de matemática do Colégio Estadual da Paraíba e do Instituto de Educação

Duas palavras aos dignos organizadores do II Congresso Nacional de Educação de Adultos e membros da Campanha

Com este modesto trabalho, no caráter de Superintendente do Serviço de Educação de Adultos, no Estado da Paraíba, pretende ter correspondido ao honroso apelo dos ilustres membros da Campanha.

Para realizá-lo tive que passar muitas noites insone, dados os múltiplos encargos que me assoberbam a vida. A minha capacidade de autocrítica faz-me reconhecer que lhe falta valor intrínseco. Espero, entretanto, ter compensado esta deficiência, pela sinceridade de que procurei impregnar minhas despretensiosas palavras. São elas uma homenagem muito sincera ao Dr. Heli Menegali, Armando Hildebrand, Dulcie Vicente Kanitz, Vitória Ceylão, Eloywaldo Chagas, Fernando Carvalho e demais colaboradores.

Dedico-as de um modo muito particular ao ilustre Professor Lourenço Filho pelo singular carinho que dispensa à Paraíba. Sou sincera em afirmar que o Professor Lourenço Filho é dessas pessoas cuja fisionomia fica para sempre gravada em nossa mente, pela sua contagiante bondade e simpatia.

João Pessoa, 30 de junho de 1958

Perspectiva Geral

A honrosa incumbência de coligir informes que possam contribuir para o maior êxito do II Congresso Nacional de Educação de Adultos, constitui para mim uma destas tarefas que nos deixam ao mesmo tempo desvanecidos e intimidados. Desvanecida, por reconhecer a magnitude do problema educacional - única solução para esta tarefa ingente de redenção da Pátria; intimidade pela preocupação da honestidade e justeza da informação. Trabalhos deste porte tornam-se relativamente fáceis, para aqueles que têm apenas o objetivo do brilho efêmero das figuras de teórica. Bastaria então compilar das revistas e livros estrangeiros o que têm realizado povos de civilização mais avançada. E esta nossa tendência para copiar, que tantos malogros nos tem custado, já se tornou tradicional. Dir-se-ia que nunca atingiremos a maturidade política e administrativa como se não tivéssemos capacidade de observação, como se os desajustamentos que afligem os aglomerados humanos não se alterassem de povo para povo, como se fosse possível planificar a solução de dificuldades que variam infinitamente já pelas condições mesológicas já pela formação étnica. Partindo de premissas falsas, não podemos chegar a conclusões satisfatórias. É talvez esse erro inicial que nos está granjeando a fama de ótimos planejadores e péssimos executores, contribuindo para o descrédito generalizado das

[1] Superintendente do Serviço de Educação de Adultos no estado da Paraíba

instituições. Somos um povo sem fé política, e a firmeza das convicções é a força propulsora que opera milagres.

Entramos no segundo decênio de atividades da Campanha de Educação de Adultos. Para os cépticos, a organização deste Congresso não despertará nenhum interesse; para mim, se reveste de grande significação. Valerá como uma pausa para meditação e como uma prestação de contes para o país. Falando em tese, havemos de convir que a Campanha não produziu os frutos que esperavam talvez os seus idealizadores, entretanto, podemos asseverar que valeu a pena a sua criação.

O que faz mister é ajustá-la à realidade brasileira, adaptando-a as peculiaridades de cada Estado. Sinto-me verdadeiramente estimulada pelos temas da agenda que deixam vislumbrar a flexibilidade do planejamento, no sentido de adaptá-lo às nossas condições econômicas e sociais. Para o bom funcionamento de qualquer empresa é mister o respeito as normas que regem a sua organização. Mas essas normas só são legítimas quando representam codificação de costumes que pressupõem a existência de hábitos. A função dos congressos há de ser mesmo a de reformar, corrigindo, o que houver de omisso, inaplicado e inaplicável, para interesse e sobrevivência da sociedade. Para que a escola cumpra a sua missão civilizadora, há de saber vincular o homem ao seu meio, procurando elevá-lo por um processo natural de evolução, favorecendo a formação de uma mentalidade capaz de incutir na comunidade a sensação de sua forca criadora e o anseio de uma constante e crescente melhoria das condições de vida.

Desincumbindo-me da tarefa que me propus, passarei a examinar o que possa interessar à Campanha, no âmbito do nosso Estado.

O fator climatérico e sua relação com o Plano da Campanha

Quando da reunião dos representantes dos Estados na Capital do país, em princípios do corrente ano, já se cogitava da realização do Congresso em julho. Ao contrário dos anos anteriores, fomos cientificados, com bastante antecedência, do número de cursos a instalar, bem como das diretrizes a seguir no exercício de 1958. As instruções fornecidas com tanta antecedência deram a impressão de que tudo se processaria com a melhor regularidade, sem a precipitação dos anos anteriores. Infelizmente uma circunstância imprevista tem complicado profundamente o nosso serviço, exigindo um esforço que não tem encontrado compensação - a seca que tem transtornado a instalação das escolas, obrigando-nos a constantes modificações, em vista do êxodo contínuo da população do sertão e do cariri, deixando muitas localidades inteiramente despovoadas. É do conhecimento geral a solicitude do Governo Federal em socorrer as vítimas da seca, mas há um problema que não tem solução imediata - a água.

Dentre as discussões suscitadas para combate ao flagelo, tomei conhecimento, por una notícia de jornal, de que algumas opiniões ofereciam resistência às tentativas de canalização, para o polígono o das secas, de capitais que permitissem uma solução definitiva contra a reincidência do fenômeno. Firmavam-se na alegação de que o mais acertado seria abandonar o Nordeste e acelerar o progresso do Sul, para que se pudessem formar os capitais que garantissem, no futuro, o aproveitamento da zona árida. Os que falam esta linguagem só o fazem, porque não são espectadores desta tragédia.

Não posso crer que exista alguém bastante desprovido de sensibilidade para não se comover diante deste quadro desolador. Só quem observou, com os próprios olhos, o

aspecto confrangedor desta miséria infinita pode avaliar a extensão de suas consequências. E custa a crer como este povo faminto sente o pudor de receber esmolas - aqueles olhos desvairados pela fome, aquelas mãos descarnadas e sem alento não se estendem para implorar a caridade, mas pare pedir trabalho. É preciso ter alma para sentir a magnitude deste gesto e evitar que não se apague a chama desta virtude que representa um manancial infinito das reservas morais de um povo - o senso de dignidade.

Outros há que propõem o êxodo, em massa, da população do Nordeste para o Sul. Atentemos bem no impacto do choque desta avalanche humana em cidades como o Rio e S. Paulo, com o seu serviço de água e esgoto superados!

Seria também desaconselhável prender o nordestino ao torrão pelas cadeias da lei que nestas condições seria iníqua. Se o Governo não está capacitado a favorecer-lhe as condições de sobrevivência, não poderá tirar-lhe o direito de locomoção para que, ao menos, possa ser infeliz onde o deseje ser.

Detenho-me na apreciação destes fatos, porque estão intimamente ligados às nossas condições de vida e têm ponderável relação com a tarefa educativa que a Campanha se propõe executar.

Causas do analfabetismo

Pela experiência de três anos na direção do Serviço de Educação de Adultos, posso concluir que o trabalhador rural não tem muito interesse em adquirir instrução. Duas causes concorrem para esta indiferença: 1º - a certeza de que este estudo rudimentar não melhorará o seu nível de vida; 2º- o seu estado de subnutrição permanente. Depois de um dia de labor intenso, que estímulo terá este homem rústico, torturado pela fome, para empreender uma caminhada, muitas vezes de quilômetros, em busca de instrução? Urge descobrir um meio de despertar-lhe o entusiasmo, vinculando-o a um fim útil e imediato. Temos planos para adquirir casa própria a longo prazo, mas não me consta que exista um plano para a venda de lotes de terra, aos agricultores, sob o mesmo sistema. Nos regimes latifundiários, há sempre a preocupação de possuir enormes áreas de terra, mesmo que não sejam aproveitadas. O dono da terra, verdadeiro senhor feudal, reúne em torno de si, uma colônia constituída pelos chamados moradores, disseminados pela propriedade. Homens e mulheres assumem o compromisso de prestar serviço na lavoura em troca de uma remuneração miserável. O proprietário reserva para si a melhor terra e a parte imprestável é arrendada ao colono, mediante pagamento adiantado. Em troca, concede ao trabalhador um dia semanal de serviço, para cuidar de seus interesses particulares. Estou informado de que, atualmente, o adiantamento cobrado é de Cr$ 1.200,00, quantia fabulosa para o pobre lavrador que ainda vai arriscar a esse monte, sem capacidade de prever a probabilidade da colheita. Enquanto o tempo passa, as necessidades quotidianas obrigam o humilde camponês a adquirir no barracão, mantido pelo proprietário, gêneros alimentícios de qualidade inferior, por um preço exorbitante.

Atualmente, a COAP fornece feijão novo a Cr$ 14,00 G e o barracão, a vinte e cinco, feijão bichado e duro que passa a noite cozinhando e no dia seguinte ainda não presta. Na época da colheita, já o trabalhador deve muito mais do que pode arrecadar. Se falta trabalho, não pode alugar-se a outro proprietário ou opinar por um salário melhor. Se o inverno é bom, o dono da terra solta o gado no roçado pera forçar-lhe a reação e expulsá-lo da propriedade, sem indenização. Há ainda o fator moral - as filhas e a

companheira ficam expostas à desonra e consequentemente às represálias da esposa do fazendeiro. Esta é talvez a razão por que o infeliz colono procura afogar, na bebida alcóolica da pior espécie, ou no crime, o acervo de una magoa irremediável. Que estimulo tem um homem, vítima permanente deste estado perene de cativeiro, para procurar instrução? A este quadro terrível, mas real, acrescente-se a ameaça das endemias: verminose, tracoma, impaludismo, tuberculose, sífilis. O cérebro deste pária, embotado pelo sofrimento não dá abrigo a uma ideia mais elevada. Apático e desiludido nem teria ânimo nem orientação para se filiar a um movimento revolucionário. Se as estatísticas pudessem acusar o número exato, seria constatada a existência de uma população considerável, deserdada e errante, peso morto na economia nacional, que faz descer vergonhosamente, no confronto com as outras nações, o nosso coeficiente de produção. Por um princípio de lógica, o direito de consumir, na sociedade, deve estar condicionado ao dever de produzir. Mas este homem não produz, por circunstâncias alheias à sua vontade. Estudos especializados têm demonstrado, de uma maneira indiscutível, que esta população é válida, que os seus índices antropológicos não a colocam em situação inferior a de outros países mais favorecidos. Se não produz, é porque vegeta num estado de subnutrição permanente, consumindo-se por inanição.

Efeitos do analfabetismo

Em conjunturas tais não adianta expor o fato sem propor a solução. Ergue-se o vagalhão da crise e cada dia que passa mais se agrava a situação. Responsabiliza-se o Governo, como se esta obra ciclópica pudesse ser solucionada por um único homem. Culpa-se o regi-me como se a mudança do nome fosse uma solução. E ficamos intimados, desapontados, como quem pragueja numa noite de tempestade dentro de uma casa mal assombrada, constantemente apavorados diante do espectro da fome que aperta o cerco desta ronda sinistra. Não temos economia! nem ao menos o problema alimentar foi resolvido. Dia a dia sobem os salários e paralelamente o custo de vida, na razão inversa do poder aquisitivo do povo. Só a agricultura poderá salvar o país, mas a agricultura mecanizada e não o processo rotineiro e obsoleto da enxada.

Aceleramos o progresso industrial, orientamos a juventude em escolas de organização puramente citadina e abandonamos o campo, a fonte que alimenta a indústria. E o efeito aí está. Não podemos apelar para o comércio exterior porque o alto custo da mão de obra e a carência de matéria prima não permitem a competição com países mais desenvolvidos. Não adianta fomentar o comércio interno, porque teríamos o passo embargado pela precariedade do poder aquisitivo. São circunstâncias desta ordem que nos tingem as faces de rubor, que perpetuam conceito de que no Brasil tudo é grande, só é pequeno o homem. E só ousamos erguer a vista uns para os outros, porque na culpa coletiva se atenua a responsabilidade individual. Ficamos atordoados diante da situação calamitosa do Nordeste, entretanto nos dias hodiernos temos o exemplo de Israel transformado em oásis no seio do deserto. Onde falhou a Natureza, venceu a inteligência do homem. E não precisa ir tão longe. Aqui mesmo, no Estado da Paraíba, temos S. Gonçalo em Curemas - uma primavera perene pela magia da irrigação. E porque não se multiplica esta experiência vitoriosa? Pelo predomínio do interesse individual. Áreas imensas que poderiam ser beneficiadas pelo trabalho de irrigação permanecem inacessíveis pela mentalidade passadista do coronelismo. O ideal seria que estas terras irrigadas fossem

distribuídas com o povo e que se adotasse o regime de cultura orientada para que a produção de gêneros alimentícios pudesse neutralizar a crise. Seria um plano revolucionário mas de difícil aplicação, porque certas medidas exigem uma preparação psicológica que não possuímos. Fazendo um estudo comparativo da nossa História, encontramo-nos diante de uma situação análoga a que marcou o fim do segundo império. As leis sociais da abolição conferiram a liberdade ao escravo que não se achava preparado para usufruir os benefícios desta conquista social. E o efeito não se fez esperar. Aquelas fazendas outrora prósperas e produtivas, verdadeiros celeiros armazenados pelo braço rústico o do escravo, transformavam-se em charnecas em torno das ruínas da casa senhorial. E o nosso câmbio que antes atingira a taxa 31, nas operações com a Inglaterra, o que sobrepunha a nossa moeda ao valor do ouro, descia vertiginosamente, para o 9, no segundo Governo da República. As leis sociais trabalhistas provocaram efeito muito semelhante. Patrões e empregados não compreenderam, por falta de preparação psicológica, o seu alcance humanitário. Reagiram os primeiros tomando-se de rancor contra o Governo, reagiram os últimos, enxergando somente vantagens onde havia também obrigações. O choque de retorno apressou a morte do Imperador no exílio; na República, impeliu Vargas ao suicídio. E note-se que estas leis não se estenderam ao meio rural; mesmo aqueles que poderiam ampliar o seu campo de ação, sentem-se sem ânimo de tentar a aventura. Vargas, incontestavelmente, o maior estadista da República, pressentiu este efeito e sabiamente procurou preparar o terreno com a pecuária. Entretanto, o plano que seria genial, falhou, ainda, fragorosamente por falta de receptividade. O proprietário da terra em vez de aplicar o empréstimo no beneficiamento da gleba e do rebanho, pelo uso da ciência, procurou apenas comprar a terra do vizinho. Houve, somente uma transferência do direito de propriedade, sem o aumento da produção e multiplicação dos rebanhos. E o desajustamento foi tamanho que o Governo perdoou a dívida, de modo que os beneficiados foram os que souberam tirar partido da mão que lhes estendia o Governo e os prejudicados foram os que saldaram pontualmente os seus compromissos. E ainda se diz que neste país o Governo não ajuda, como se tudo pudesse ser feito pelo Governo!

Do clima social brasileiro

É frequente apontar o analfabetismo cono a causa de todos os nossos males. Entretanto, mais perniciosa que a ignorância é a corrupção da elite. Um estudo acurado da nossa estrutura social revelará a parcela de responsabilidade que cabe ao falho e desmantelado sistema educacional brasileiro.

Vivemos una hora de inquietação e de angústia, reflexo inevitável da transformação social que se opera no mundo e de cuja influência não podemos fugir. A História que é a grande mestra da vida, tem evidenciado que tais fases de transição são caracterizadas pela anarquia material, intelectual e moral. Criar, em conjuntura desta ordem, uma doutrina justa, equivale, como afirmava Ingenieros, a ganhar uma batalha para a verdade - custa mais pressentir um ritmo de civilização do que realizar uma conquista. O nosso problema é o problema da decadência moral. Urge, portanto, promover a regeneração. Entre os graves deveres da administração, assume capital importância a formação do clima social para a restauração dos princípios políticos do regime, porquanto nenhum Governo poderá desincumbir-se de sua espinhosa missão, se não predominar, no meio social em que tem de atuar, um clima médio de moralidade. Nas dificuldades crescentes de nossa vida quotidiana,

somos muitas vezes levados a malsinar as instituições políticas cujos efeitos negativos são uma decorrência lógica do desvirtuamento da Democracia, tão diversa daquele ideal preconizado e defendido pelos nossos antepassados, porque a Democracia é o regime da lealdade e do dever, de franqueza e da decisão como bem o definiu emérito preceptor patrício. Encarnamos, na nossa justificada revolta, aquele alcaide dos tempos medicais que assediado por todos os lados, no castelo bravamente defendia, evocava desesperado a memória dos seus ancestrais, num brado de incontida censura: Por que nos legastes as vossas armas, se não nos legastes a vossa alma?! Este estado caótico é o clima propício à sementeira de ideias exóticas. Alguém já disse e com muita propriedade: "Não bastam ideias para construir nações. São necessárias forças morais e espirituais que congregam as multidões e coordenam os guias do pensamento coletivo. As ideias tornam-se forças quando alcançam as camadas médias da sociedade e chegam a esclarecer os rumos da vida humilde dos construtores anônimos da Pátria. Propagam-se dominam, por fim, as sugestões do comodismo, acordando as consciências e disciplinando as vontades, de sorte que os objetivos superiores da nacionalidade vençam as astúcias do interesse individual. Esta é a meta a que se deve visar, num esforço sistemático de esclarecimento do professorado e da juventude. Só a escola, reintegrada na sua função civilizadora, poderá salvar o que resta deste naufrágio. Desgraçadamente, sonos forçados a reconhecer que a maioria de nossas escolas são antes fatores de deformação do que de formação.

Mercantilizou-se o ensino, envenenando-se as fontes da vida e criando una falsa elite, produto da venda desonesta dos certificados de aprovação, com a imolação da dignidade. Contemporizar com situações desta ordem é ser conivente com o rebaixamento moral da nação, e favorecer o predomínio dos vis apetites do poder e do enriquecimento imerecido, em detrimento da virtude, da inteligência e do caráter. O abandono a que os poderes públicos relegaram o magistério, reduziu a um estado deprimente o professor que só é digno de ser chamado mestre, quando perfeitamente integrado na sua nobre missão, como guia de conduta e timoneiro do moral. Não se improvisa um mestre - o provimento de una cátedra não pode ser feito ao sabor das conveniências de um partido político ou se transformar numa sinecura qualquer; requer do candidato qualidades especiais. É preciso, porém, que o Governo assegure ao professor una situação condizente com a sua elevada missão, protegendo-o contra as investidas dos mercadores da consciência.

O estado atuante de decadência moral em que nos encontramos vem impressionando os educadores mais responsáveis e esclarecidos, o que representa, sem dúvida, um princípio de reação. Houve até quem propusesse a criação de um educandário modelo, para onde fossem encaminhados aqueles jovens que, nos diversos colégios de todos os Estados, se distinguissem pelas qualidades morais e intelectuais, qualquer que fosse a sua condição social. Submetidos a uma educação excepcional e rígida devidamente esclarecidos sobre os problemas brasileiros, destinar-se-iam a ocupar, futuramente, os altos postos da administração atualmente comprometida pelo despreparo da maioria de seus ocupantes, cuja permanência se explica pela escassez do artigo no mercado. Basta citar a situação dos nossos institutos de previdência, expostos à falência em consequência da exploração mais desenfreada. É certo que existem exceções, mas em número tão reduzido que a sua atuação moralizadora fica neutralizada, como se o joio crescesse a ponto de asfixiar o trigo, como fala o Evangelho.

Não nos iludamos, porém; se um estabelecimento desta ordem for criado, o que seria indiscutivelmente una medida de grande alcance, choverão os cartões de recomendação para impingir a entrada dos afilhados, anulando a atuação dos educadores.

Os elementos de nossa estrutura político-social são tão complexos e discordantes que, muitas vezes, nos induzem àquele desespero de um Paul Bourget ou de um Henri Bordeaux, na ânsia de processar pela análise psicológica, pelos processos científicos, os diferentes aspectos da natureza humana.

A vida das nações é, na ordem moral, como a vida dos indivíduos, cheia de intermitências; pelo menos a história não registra um único caso em que a força atuante dos ideais se exerça num ritmo uniforme e contínuo. Felizmente a reação não se faz esperar, uma vez que a capacidade de evolução é, sem dúvida a característica da excelência da espécie humana. Cada ciclo da história da humanidade é mareado por uma ideia dominante que, concebida e preconizada pela mente preclara do gênio, percorre todas as ganas da escala social. Dissecada, porém absorvida em sua substância, é rejeitada para caber lugar a nova inspiração, não obstante os compassos de espera.

A mesma instabilidade se verifica no domínio dos regines políticos que se renovam periodicamente, oscilando, num círculo ininterrupto, entre a prepotência e a anarquia. Nas situações agudas, quando a crise ameaça tragar a nacionalidade, apela-se para o regime forte, no qual só o comando ergue a voz. Se não existissem as paixões, seria o regime ideal - onde só um se dá ao trabalho de pensar, enquanto os outros cumprem apenas as suas obrigações. São períodos fecundos, mas de curta duração. Restabelecida, porém a ordem, o sentimento de liberdade que é inato no coração do homem, começa a forcejar, para jogar fora o jugo que o oprime. A princípio tudo corre bem, porque os espíritos se acham disciplinados pelo regime anterior de coerção. Mas com o tempo a liberdade tende a se corromper convertendo-se em licenciosidade e anarquia, exigindo nova restrição de atitudes. É lógico que estes fenômenos influem poderosamente na estrutura e segurança de uma nação. Não obstante, vamos encontrar una exceção na França onde os gabinetes se vêm sucedendo com uma frequência espantosa. Há poucos dias passaram pelo Recife alguns técnicos franceses. Entrevistados pela imprensa, afirmaram que a instabilidade política desse país não se refletia desfavoravelmente na sua economia graças ao seu sistema educacional. Igual observação fazia-me uma ex-mestra que passou vinte dias na Europa. Segundo o seu depoimento, professores tidos mesmo como homens sem caráter, mostravam-se íntegros no exercício da cátedra por estarem persuadidos da importância da escola na vida de um povo. Se a instrução tem tamanha repercussão na vida nacional, não pode ser confiada a mãos mercenárias.

Basta a leitura dos jornais para verificar a incitação causada na sociedade pelo funcionamento da máquina política. Os partidos se digladiam, procurando a oposição apontar o Governo como o único responsável por esta situação. Pela veemência da acusação, temos a impressão de que já soara as trombetas do Juízo Final, delineando o campo dos bons e o dos maus; entretanto, quando ascender ao poder seguem o mesmo caminho. É que a culpa é coletiva. O Governo se sente impotente para conter a onda de corrupção, sem perder a cobertura parlamentar. Há ainda o apoio militar, cuja diferença cm favor do Governo não é tão grande. Teoricamente, diz-se. que a Democracia é o regime que oferece a todos as mesmas oportunidades; entretanto, os candidatos a cargos eletivos, de parcos recursos econômicos, não podem competir com os endinheirados, una vez que

chegamos ao ponto de vender os contingentes eleitorais como quem vende um rebanho. Resta o patrocínio de um correligionário abastado, mas nestas condições a sua liberdade de consciência é que tem de ser vendida. Mesmo assim, que seria de nós se una ditadura fosse implantada? O domínio absoluto passaria a ser exercido pelos mesmos elementos que não teriam escrúpulo de abusar do poder.

Além disso, pela nossa formação étnica, sentimos uma natural repugnância pelo domínio absoluto, mais tolerado pelos saxões e eslavos e mais estável entre eles, dada a sua fidelidade para com os chefes. Mesmo que o regime discricionário nos assegurasse uma base econômica mais sólida, o nosso irrequieto e indisciplinado espírito latino não suportaria, por muito tempo, o constrangimento desta coação. Haja visto o exemplo já citado da França. É um erro pensar que a estrutura social depende exclusivamente do aspecto econômico. O homem é impulsionado, tanto pelas suas necessidades como pelas suas ideias, por isso toda estrutura política que se restringe à conquista do conforto material, é perecível, porque o ser humano é insaciável e este estado de permanente insatisfação é, incontestavelmente, a tendência de nossa alma para Deus.

Portanto, o regime político que nos convém é mesmo a Democracia, não esta democracia corrompida a desmoralizada onde os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade representam um mito. Favorecer a ação regeneradora da escola é concorrer para a criação de uma mentalidade dominante esclarecida e ao mesmo tempo abolir esta forma de escravidão que o 13 de maio não redimiu - o operário humilde, trabalhador rural - vítimas inocentes desta deformação social. Só uma educação bem orientada poderá prepará-los psicologicamente para fazê-los usufruir, em proveito próprio e da coletividade, um direito que é sagrado porque é legítimo e natural - o de ser livre.

O povo não exige coisas complicadas - quer apenas que as instituições funcionem. É preciso dar às palavras uma significação real. A Doutrina só será convincente, se o exemplo vier na ordem inversa da escala hierárquica. Os condutores de povos que marcarem época, na história da humanidade, foram aqueles que souberam pregar com a palavra e sobretudo com o exemplo.

A escola e o meio social

Tão íntima é a correlação existente entre a situação econômica, política e social de um povo e seu sistema educacional, que nos vemos envolvidos em um dilema: " O sistema educativo de uma época e de uma sociedade é fruto e reflexo de sua organização de trabalho? ou representa sua norma de trabalho o reflexo desse sistema educacional?" Creio ser esta assertiva tema vencido de discussão, confirmado por autoridades no assunto, entre as quais podemos citar o abalizado mestre Anisio Teixeira.

Como exemplo típico, é oportuno mencionar a escola americana. O exagerado utilitarismo yankee aboliu da escola toda investigação que não apresentasse um rendimento imediato, levando o fanatismo da técnica até a idealizar engenhos, à semelhança das máquinas de escrever, cujo teclado fosse constituído por notas musicais, cono se a rígida estrutura mecânica pudesse traduzir a infinita gama das reações psíquicas de sentimento. Houve uma espécie de materialização da arte e da ciência cujo efeito relegou ao segundo lugar a posição de liderança que os Estados Unidos vinham exercendo no mundo. A América é, talvez, pela heterogeneidade de sua formação étnica, o país dos contrastes. Pretendendo corrigir o excessivo rigor da escola antiga, onde imperava una disciplina de

reformatório, muitas vezes eivada de imposições degradantes, caiu no excesso oposto. Ponto em funcionamento uma Pedagogia, mais científica do que experimental, passou a exaltar fatores biogenéticos, segundo os quais se nega a nossa natural tendência para o mal, sustentada pela sabedoria cristã. A criança nasce boa; cumpre deixá-la seguir os impulsos naturais dos instintos, libertando-a das imposições sociais, causadoras dos seus desajustamentos. Em algumas escolas a coisa chegou a tais excessos que os professores apresentavam ao exame prévio dos alunos o programa que deveriam executar, submetendo-se as suas preferências. É o que entre nós se chama o carro à frente dos bois e que constitui una inversão do senso de autoridade. A criança não seria reprovada nos exames para não adquirir complexos - teria uma promoção qualquer. Acredito que tal Pedagogia pudesse ser aplicada no céu, mas nós temos que encarar o problema no âmbito das imperfeições deste miserável globo terrestre. O efeito foi fatalmente catastrófico e levou, felizmente, os educadores a tomar outro rumo, mas a sociedade não se condoeu de arrastar para a cadeira elétrica os monstros que ela mesma gerou. Talvez os idealizadores dessas normas tivessem a intenção de atenuar recalques, de eliminar certos preconceitos injustificáveis, mas o que se observou foi uma acentuada degradação, motivada pela predominância do instinto sobre a razão.

O nosso tradicional espírito imitativo está forcejando por introduzir nas escolas essa educação naturalista, cujo efeito já se faz sentir lamentavelmente nos alunos que, de alguns anos para cá, se apresentam para ingresso no curso ginasial. Acredito que esta diretriz concorrerá para estragar duas ou três gerações. Haja visto a mocidade transviada de São Paulo e do Rio que vem servindo de assunto para as reportagens de nossas revistas. Confirmando minha observação, quero invocar o testemunho de todos os professores que ensinam à primeira série ginasial. Reprova-se em massa, no exame de admissão e o que escapa não tem mentalidade para assimilar o programa que temos de executar. E se a derrocada não é total, deve-se a dois fatores principais: a resistência dos antigos mestres, por isso mesmo, olhados com certo desprezo e prevenção pelos portadores de novas ideias; a organização ainda estável da família. Não devemos aceitar como intangível tudo quanto pertence ao passado; entretanto as inovações devem ser introduzidas como um processo natural de evolução, dentro das normas de Pedagogia Racional e Cientifica que pressupõe experimentação. Sem dúvida o professor deve impregnar todos os seus gestos daquele amor que torne sublime a sua árdua missão; portanto, precisa ter alma para incutir nas consciências em flor alguma cousa de si mesmo. Basta o seu nodo de se conduzir, no exercício de sua profissão, para constituir uma lição muda e convincente dos sentimentos de justiça, de amor ao dever, de honradez e de abnegação - o verdadeiro mestre deve primeiramente educar-se, para educar: O senso de disciplina há de ser despertado por uma atuação paciente e constante procurando persuadir que a ordem beneficia a todos, porque traduz compreensão de deveres - a capacidade de autodomínio não representa uma sufocação dos sentimentos, mas uma prerrogativa de aperfeiçoamento da espécie humana. É criando hábitos de trabalho que a escola se realiza no seu alto poder moralizador. Mesmo aqueles que oferecem a princípio certa resistência por erros iniciais de educação, reconhecem mais tarde a ação benéfica da escola. Talvez possamos encontrar na rígida disciplina implantada pela escola alemã, o segredo da espantosa capacidade de recuperação deste povo, destroçado em duas guerras, no período da mesma geração. Não esqueçamos, porém, mestres brasileiros, que a nossa conduta, tanto como a dos pais, exerce sobre o

aluno extraordinário poder de emulação; tenhamos sempre presente que o respeito, como a confiança e a amizade são cousas que se merecem.

Estas observações podem ser aplicadas, sem restrições, embora com alguns atenuantes, à Escola de Adultos. A formação de hábitos se exerce por toda a vida, operando dentro de determinadas nuances, uma ininterrupta modificação na personalidade. Haja visto o que ocorreu em certos países da Europa. Conspiradores de regimes políticos decadentes e corrompidos organizaram grupos de sabotadores, para apressar o desmantelamento da máquina estatal e favorecer a implantação de uma nova ordem. Triunfante a revolução, muito custou aos novos dirigentes enquadrar aqueles anarquistas na organização social - eles colaboraram sinceramente para o êxito da causa e estavam persuadidos do acerto de sua atuação, mas haviam adquirido hábitos de constante desrespeito à autoridade constituída.

Admitamos, porém, que o ideal da escola fosse realizado. Torna-se imprescindível que a sociedade e a administração não concorram para destruir aquilo que a escola edificou. Mais que uma reforma de programas, urge uma de mentalidade. Pelo exercício do magistério, durante uma apreciável parcela de minha existência, arrogo-me o direito de dar o meu depoimento que é mais do que um testemunho, porque é uma acusação.

Ao deixarem a escola, preparados para ingressar no exercício de uma função pública, sentem-se os nossos jovens, logo do início, decepcionados. O preenchimento dos cargos só obedece à norma moralizadora dos concursos, quando se trata de cargos insignificantes. Os lugares bem remunerados reservam-se aos afilhados dos grandes do dia- na maioria dos casos verdadeiras nulidades. É o triunfo da mediocridade. Tão frequentes são os casos, que já constituem tema para o anedotário. Ultimamente os concursos vem rareando, de modo que os enteados da sorte, a quem falta o prestigio de uma amizade influente, não têm mais oportunidades. E para fazê-los sem moralidade, é melhor que não se façam.

Às vezes, quer me parecer que uma misteriosa força nos impele para baixo. Não posso crer que homens ilustrados não compreendam o perigo desta crise moral. É que na ladeira da corrupção ninguém pode parar onde quer e quando quer. É a força misteriosa do mal que se exerce nos regimes em decomposição. Inconscientemente multiplicam--se as leis e com elas o número de delitos, porque na falência de sua aplicação, desaparece o seu valor coercitivo e moralizador.

Mas se ainda resta, neste país, uma parcela de responsabilidade, que se oponha em dique a tal estado de cousas. Quantos jovens, saídos da escola, imbuídos de nobres ideais, têm que cair na onda, porque se convencem da inutilidade do esforço. Não tiremos a Fé dos moços! Porque a existência só é bela e digna de ser desfrutada, quando se crê no Bem.

Ponto pacífico de discussão é a complicação da nossa máquina burocrática. Só quem leva uma vida ociosa pode se dar ao luxo de acompanhar um processo nas nossas repartições o documento leva tantos carimbos e tantas assinaturas que a paciência arrebenta. Dir-se-ia que tudo quanto segue os trâmites legais, torna-se extremamente complicado. Sirva de exemplo o apelo formulado pelo Governador Pedro Gondim ao Governo Federal, no início da estiagem. Todos nós somos profundamente agradecidos ao Chefe Supremo da República pela solicitude com que acudiu aos nossos apelos, deslocando-se em pessoa para a zona flagelada. Além disso, bastaria o abastecimento d'água de Campina Grande pera redimi-lo de qualquer falta para com a Paraíba, sagrando-o

para sempre, no coração dos paraibanos. Não há, nesta progressista cidade do sertão paraibano, uma casa, por humilde que seja, que não guarde com o maior carinho, um retrato do Presidente Kubistchek. É conhecida a atuação de Argemiro de Figueiredo e José Américo, para a solução do problema, mas estes ilustres cidadãos são filhos do rincão paraibano. É verdade que muito realizaram, mas Campina Grande, pela sua posição geográfica e pela sua condição de empório centralizador da vida comercial do Estado, com irradiação para as maiores praças do país e do mundo, absorve rapidamente toda a capacidade de seu abastecimento. Foi, incontestavelmente, o atual Presidente quem mitigou o martírio da sede nesta capital do sertão paraibano. Todos se movimentam para proclamá-lo, oficialmente, em julho próximo, benemérito cidadão campinense, no que apenas lhe fazem justiça.

Entretanto, todo este esforço sincero do Governo viu-se, nas duas empresas, comprometido pela complicação da máquina burocrática. São de ontem os telegramas veementes do Governador Pedro Gondim, fustigando a consciência nacional, para o desentranhamento das providências. Homem dinâmico, compassivo e honrado, como quem mais o seja, sofria com o seu povo os efeitos da calamidade. E se a crise está superada, deve-se em grande parte, à sua presença constante no teatro da tragédia. Mais uma vez se confirma que o Governo não se realiza só pelo que constrói, mas também pelo mal que consegue evitar.

Pela imprensa, pelo rádio e da tribuna, clama-se, diariamente e em vão, contra a inércia da burocracia brasileira. É que isto não é causa - é efeito. O grau de moral de um povo afere-se pelo policiamento - a engrenagem da fiscalização se complica na razão inversa de confiança e do respeito mútuo.

A mentira impera em toda parte, e tudo quanto falseia a verdade, não pode produzir bons frutos. O primeiro problema a ser solucionado no Brasil, se for possível evitar uma atmosfera de saturação de miasmas, é o da mistificação e da demagogia que não é mais do que a desonestidade intelectual. Até nas escolas, e quanto mais se eleva o grau, mais se acentua a investida, penetra a corrupção para a concessão de títulos graciosos, como se o saber pudesse ser comprado, como se tivesse valor um título que não corresponde ao grau de cultura. Não sei se isto é má fé ou ignorância. No clima das escolas superiores, é que esses efeitos são perniciosos. Conquista o espertalhão o título por apadrinhamento, candidata-se a Deputado e ei-lo, legislando para nós! Na fase da propaganda, sobe o morro, vai às favelas, mescla-se com os clubes carnavalescos, com as escolas de samba, com os bailes de ambientes suspeitos, confundindo popularidade com vulgaridade que é o cortejo da plebe. Para se reeleger, precisa trabalhar pelo povo, sacando para o futuro, mas a sua má formação moral e intelectual não lhe pode dar espírito público: o que importe é fazer alguma coisa, mesmo que seja errada: seja a instalação de um ginásio onde apenas há clima para uma escola primária ou uma usina em lugar impróprio. Para ele pouco importa remover todas as professoras para a sede, deixando os distritos sem instrução, perseguir o adversário, remover o Delegado que não se sujeito aos seus desmandos. É assim, que ele entende a popularidade. Se lhe confiam a fazenda pública, pratica a rapinagem, se alguém lhe embarga o passo, manda eliminar o intruso, se lhe atacam a conduta ilibada, desanda-se em palavrões, contanto que o faça com o tratamento de Vossa Excelência. Onde faltar o argumento, vence a força bruta. Não foi para isso que o povo lhe conferiu, através do mandato imunidades parlamentares?! Só a escola, em todos

os seus graus, poderá criar uma aristocracia do mérito (moral e intelectual) que nos liberte desse câncer social. Com muito menos do que isso, Silva Jardim afogou na pira do Vesúvio a decepção de um ideal frustrado. Há, felizmente, honrosas exceções, mas o que existe é bastante para contaminar o ambiente e acelerar o estado de putrefação.

A escola que nos convém

Tão grande é a responsabilidade desta escolha, que me disponho a invocar a sabedoria franciscana: Senhor! dai-me coragem, para mudar as cousas que devem ser alteradas; perseverança, para conservar aquelas que devem permanecer a sabedoria para ver a diferença.

Dentro da desordem do nosso quadro social, uma cousa nos conforta e encoraje para o futuro: o extraordinário bom senso brasileiro. O nosso século foi convulsionado por duas guerras, de violência sem precedentes, entre as quais houve apenas uma trégua. Assinamos a paz, mas sentimos que houve apenas una derrota no campo militar - não houve propriamente una definição no campo ideológico. O mundo continua impregnado desta atmosfera sombria, dividido em dois campos, liderados por dois gigantes que se defrontam, com os olhos nos olhos do outro, e uma bomba na mão. Nas condições em que nos encontramos, seria loucura nos interpormos entre eles, sem o perigo de ficar esmagados. O nosso povo sente instintivamente a gravidade da situação. Possui afinidades políticas com a América, nas reage diante de qualquer atentado à sua soberania; admira o progresso cultural da Rússia, sente a necessidade de um entendimento sob o ponto de vista comercial, entretanto, mesmo apertando o cinto todos os dias, mantém intactas as suas tradições. Sob os pontos de vista da constituição da família e das crenças religiosas. Talvez esta compensação nos permita abrir trilha segura no emaranhado deste labirinto. O cataclismo que sacudiu o mundo ainda se acha muito próximo da nossa objetiva, para que possamos analisá-lo com exação. Procurando o tipo de escola que nos pode interessar, precisamos fazê-lo com muito escrúpulo. Sentimos a necessidade de caminhar depressa, para acompanhar o progresso mundial, mas a nossa debilitada economia não nos permite fazer experiências. Esta é a razão por que me bato insistentemente imprudentemente, para conseguir os meios que permitam tornar a Campanha uma realidade. A nossa honestidade não se deve limitar ao zelo para evitar que a economia da nação seja desviada, mas também para que ela possa ser bem aplicada, o que só se consegue quando se verifica uma reversão do capital empregado.

Analisando a interdependência entre a escola e o meio social, eivado de influências de toda ordem, precisamos observar certos fatos que hão de nortear a nossa definição. Há uma tendência generalizada para a socialização do mundo que se atribui à influência da Rússia. Não obstante, os conhecedores do assunto sustentam que o comunismo surgiu no mundo como consequência do capitalismo. O primeiro é efeito - o segundo é causa. A ânsia do lucro fácil o rápido gerou a produção intensiva dos inventos científicos, fomentando a sua vulgarização para fins comerciais. O aumento da produção, motivada pelo desenvolvimento da Indústria, barateou o produto, aumentando a capacidade de aquisição. A princípio tudo correu maravilhosamente, mas a estrutura econômico-social sofre os mesmos perigos do organismo humano -tanto pode sucumbir por inanição como por indigestão. Na primeira hipótese, está enquadrado o Brasil; na segunda, os Estados-Unidos. O desenvolvimento industrial americano ajudou o crescimento da agricultura. A

superprodução agrícola, fomentada pala guerra, passou a concorrer com a indústria, na exportação de capitais, exigindo o monopólio no fornecimento de matérias primas, para alimentar a indústria que encontra no abastecimento interno artigo melhor e mais barato. Entretanto, se os Estados Unidos reduzem o volume de suas compras, ficam sem ter a quem vender, porque os outros países não terão dinheiro (ouro ou dólar) para comprar. Além disso, a agricultura americana também se industrializou pela necessidade de aproveitar os gêneros perecíveis. Sendo assim, o abastecimento de matéria prima, no exterior, exigido pela necessidade de prover o mercado, de dinheiro americano, para possibilitar o intercâmbio com os Estados Unidos, levaria a agricultura industrializada a um colapso pela superprodução que implicaria na falência e no desemprego. Outro fator de desequilíbrio é o que diz respeito ao fornecimento de máquinas agrícolas, das quais já está saturado o mercado americano. A sua exportação emanciparia os países satélites, e esta política seria fatal aos Estados-Unidos. A necessidade de escoar o excedente de sua produção levou o povo yankee a idealizar o plano Marshall que sofreu oposição dentro mesmo país que o criou por não representar nenhuma solução para o problema do fornecimento de artigos a países economicamente fracos apenas adia a crise pera o comprador, não se resolve, sem a possibilidade de proporcionar lucro ao país fornecedor. Cogita-se no momento de contrair empréstimo com os Estados Unidos para solucionar a crise do Nordeste. A exploração desenfreada que se vem observando, com os recursos fornecidos, na área flagelada, pelo Governo Federal, nos faz lembrar idêntica situação na China nacionalista cujo estado de corrupção era muito semelhante ao nosso. No final de contas, depois de sucessivos empréstimos, ficou encurralada na ilha de Formosa e não creio que os Estados Unidos fossem reembolsados. Não acredito que os americanos repitam a experiência com o Brasil, mesmo porque não lhes pode trazer vantagens o aceleramento da indústria e da agricultura no país. Por isso, deve haver ura corta prudência para evitar a proliferação de escolas de iniciação industrial sem a correspondência de escolas iniciativa agrícola, regulando mesmo a sua criação a fim de evitar aquele exagero de produção sem mercado absorvente, da América, e que no futuro também nos poderá afligir, com o agravante de não podermos concorrer com ela no comércio com os outros países da América e até mesmo dentro do nosso território.

O aceleramento da produção criou uma crise que ameaça a economia e a liderança do colosso americano não só no continente como também no mundo. Por um princípio de lógica, verifica-se que uma interrupção brusca da máquina em ritmo acelerado, poderia ocasionar um desastre de consequências imprevisíveis que arrastaria os países latino-americanos e principalmente o Brasil. É natural que o povo americano, através de sua poderosa organização, lute desesperadamente para conservar a situação de conforto e bem-estar que vem desfrutando. Assim, se explica como uma Democracia fundada por democratas sinceros como Lincoln e Washington degenerasse num regime imperialista pela necessidade de sobreviver, levando os trustes a falar mais alto que o Governo. Se a História se repete, vemos una reprodução dos fenômenos que caracterizaram o fim da Idade Média, quando os senhores feudais se tornaram mais poderosos do que o próprio rei. A descoberta da pólvora contribuiu poderosamente para alterar os costumes, una vez que una dinamite tinha força suficiente para fazer voar pelos ares as muralhas que defendiam e ocultavam um repositório milenar de tradições e preconceitos da civilização feudal que através da Imprensa correram o mundo. Diante da evidência dos fatos, compreenderam os

"orgulhosos barões" que não adiantaria lutar e procuraram adaptar a vida a outros moldes. Na nossa época, os magnatas da indústria são os representantes da nobreza medieval. A teoria atômica é a pólvora contemporânea, o rádio e a televisão o veículo de aproximação das ideias, como o foi a imprensa, os teleguiados uma variante da dinamite.

O avanço espantoso da ciência encoraja o homem à conquista dos espaços siderais, mas isto agora é outra história que a geração futura poderá escrever... É provável que à semelhança do que ocorreu no passado, possam os homens entender-se, uma vez que nenhum dos blocos estará interessado em fazer saltar o globo terrestre fora do eixo de gravitação universal, numa guerra cuja violência não teria precedentes.

Nestas despretensiosas palavras não vai qualquer censura ao povo americano. Cumpre encararmos o fenômeno com olhos de sociólogos e construir corajosamente o futuro. Mais uma vez atua, na palavra do Governo, o admirável bom senso brasileiro. Pelas últimas notícias de jornal, observa-se que o Presidente Kubitschek marcou um tento na história da diplomacia brasileira. Estamos dispostos a cooperar com o dinâmico povo americano, mas dentro de uma linha de justiça e equidade que não possa comprometer a nossa soberania e o lugar a que temos direito no concerto universal.

Cumpre, agora analisar a situação da Rússia. Dentro de um critério de justiça, não podemos regatear-lhe os nossos aplausos, nem deixar de encarar a civilização russa com o respeito que merece. A coragem de afirmar as próprias convicções e de arrostar com as consequências das atitudes são cousas que devem ser respeitadas até num inimigo. De todas as formas de coação, a mais absurda é aquela que pretende proibir que se pense aquilo que se pensa. Podemos admitir que alguém externe as suas ideias, por mais absurdas que elas pareçam - o que não podemos tolerar é que não haja sinceridade da parte de quem as defende.

Desafinando com o resto da humanidade, fechando-se dentro de si mesma, acarretando com a antipatia do mundo inteiro, tirando das próprias entranhas as condições de sobrevivência, deu a Rússia uma demonstração incontestável da pujança de sua raça. Lutou e venceu Impôs-se diante das nações e caminha vitoriosa na dianteira das conquistas científicas que honram a humanidade. É preciso, porém, que a nossa capacidade de raciocínio saiba ver estas cousas sem deslumbramento, porque a Rússia é ainda um ponto de interrogação nos destinos da humanidade. É preciso lembrar que a disciplina e extraordinária capacidade de organização do povo russo são, em parte, devidas à circunstância de ter atravessado um considerável período de sua história, num regime de opressão, do qual a geração saiu purificada pelo sofrimento. (Mais uma vez quero chamar a atenção para o perigo que representa para nós a situação de indisciplina generalizada que campeia em nossas escolas, a pretexto da aplicação de novas teorias, fruto de investigação científica. Não as combato em si, porque elas representam um atestado natural de evolução e só a mediocridade não evolui. O que há, realmente, é um erro de interpretação. Não serei eu o único elemento do magistério a erguer a voz, neste Brasil imenso, contra tal estado de cousas. Apontem-me, na história da humanidade, una só instituição que tenha medrado num ambiente de desordem e eu me darei por vencida. O tempo se encarregará de demonstrar quem está com a razão, por que todo o ideal que é falso morre por si mesmo. O meu protesto será uma voz perdida no meio do deserto, mas quero que seja consignado. Para isso, defenderei o meu ponto de vista enquanto me restar um sopro de vida, ou até o momento em que apareça um argumento bastante convincente para demonstrar o

contrário. É o regresso natural momentâneo que corresponde a toda inovação. Os mestres que nos sucederem se verão a braços para neutralizar o desmantelamento do ensino que se verifica de sul a norte, não obstante a dedicação de grande parte de nossos educadores. A construção do Futuro não implica na destruição do Passado: o Presente há de ser um elo entre os dois).

Voltando à análise da situação atual do povo russo, não poderemos garantir se as gerações vindouras, que não lutaram do mesmo modo, desfrutando una situação de bem-estar proporcionada pelo trabalho da geração presente, não cairão no amolecimento e na decadência que marcaram a passagem de esplendor e desaparecimento de civilizações passadas: Babilônia, Nínive, Grécia, Roma. Esta dúvida tem tanto maior fundamento, porquanto se trata de una civilização de cunho materialista. O mundo tem atravessado fases de materialismo e de espiritualismo, mas todas as épocas têm assinalado a predominância do espírito sobe a matéria. Sente-se que o nosso povo, embora progressivamente sacrificado por uma crise que provavelmente se prolongará por muitos anos, encara, com ceticismo, vantagens que poderiam seduzir outros povos de menor capacidade de intuição.

Mas apesar do espantoso progresso da Técnica e da Ciência, a Dor continuará a perseguir a humanidade. Deste embate, sairá vitoriosa a Igreja que firme na crença da Imortalidade e da Glória nos conduzirá seguramente ao seio de Deus.

Situação dos cursos de alfabetização e centros de iniciação profissional no estado da Paraíba

Para que a escola possa realizar a sua função educativa, é preciso que proporcione a forma de adaptação da gente à terra, harmonizando-se com o quadro social. Em países da vastidão do nosso, essa escola há de variar de acordo com as diferenças regionais.

É sob este ponto de vista que deve ser estudada a escola da região nordestina, para que ela possibilite ao homem superar, pela inteligência, a agressividade do clima, tirando das lições do passado as conclusões lógicas que lhe garantem a segurança no futuro.

Para atingir este objetivo cumpre analisar os fatores positivos e negativos que caracterizam a região para deduzir resultados práticos: região árida, apenas pontilhada por oásis de verdura, solo pobre, fortemente trabalhado pela erosão que lhe retirou o húmus através dos séculos, desgastando o solo arável, terrenos aproveitáveis absorvidos pelo latifúndio, analfabetismo generalizado, processos de alfabetização comprometidos pelo primarismo político que não permite distribuição racional das escolas e aproveitamento de professores capazes, falta de aparelhamento para coordenar as unidades de ensino, péssimas estradas que dificultam e encarecem o transporte dos produtos para o mercado, processos rotineiros de exploração do solo, estiagem quase permanente, falta de capitais, etc.

Quando se aponta o monopólio da terra como um dos entraves fundamentais ao desenvolvimento da região, temos a impressão de que uma distribuição das terras com o povo seria a solução. Entretanto, precisamos levar em consideração que, além da violência que exigiria tal medida, o povo não estaria capacitado, por falta de preparação, para entrar na posse da terra. Haveria una reprodução do que correu, como consequência da abolição da escravatura, proporcionando ao escravo uma liberdade da qual ele não sabia tirar proveito. Além disso, o desmantelamento da indústria açucareira que é talvez a única fonte

de riqueza organizada da região, não encontraria um sucedâneo que neutralizasse prontamente o efeito. Precisamos, portanto, educar o homem para entrar na posse da terra. Essa preparação exige escolas adequadas, providas por professores capazes. Para que a escola possa realmente realizar a sua missão civilizadora, cumpre educar primeiro a elite cujo despreparo representa um fator negativo de efeito não inferior ao do analfabetismo, É lamentável que cidadãos investidos de um cargo de representação do povo, portadores de um título de grau superior, não entendam o mal que fazem ao próprio povo que lhes confere o mandato, utilizando para fins eleitoreiros e de efeito imediato, processos que só têm concorrido para entravar o progresso da região. Que me perdoem aqueles que não merecem tal acusação e que infelizmente constituem minoria. Quem se der ao trabalho de analisar friamente, junto ao Governo e Secretaria de Educação, a pressão que se faz para remoção e nomeação de professores, chegará à conclusão de que argumento com a verdade. Vemos Grupos Escolares, na sede, abarrotados de professoras e os distritos abandonados. Por que assim acontece? Porque no momento em que se procura prover a cadeira, não se leva em consideração as razões que justifiquem esse preenchimento. Tudo há de ser feito dentro da base de interesse de quem propõe a medida. Nestas condições, nunca se alfabetizará o país. Não sei por que se generalizou a convicção de que as escolas do Serviço de Educação de Adultos foram criadas apenas para preparar eleitores - o que seria até razoável se fosse feito na base de esclarecimento da massa popular, para escolher os guias que estivessem capacitados a nortear-lhes o destino. Infelizmente, a concepção é muito diferente. É preciso que se faça uma derrubada. completa nos quadros do magistério toda vez que sobe ao poder um partido político diferente, sem se levar em consideração o prejuízo que acarreta para o ensino essa substituição permanente que anula a experiência adquirida nos anos anteriores. O Governo que tentar fazer uma reforma que consulte realmente o interesse da instrução, em caráter apolítico, será alijado do poder. Talvez o provimento de cargos técnicos de direção, em caráter efetivo, dessa continuidade à ação e permitisse, por uma ação constante e progressiva, atenuar este estado de cousas. Entretanto, tal medida só seria aconselhável, em casos excepcionais, como um prêmio a serviços relevantes, mediante um exame minucioso do assunto.

No intento de solucionar em parte as dificuldades já expostas, sem o perigo de desperdiçar verbas em experiências de êxodo problemático, seria interessante favorecer o desenvolvimento de certas iniciativas que atestam a capacidade de liderança de seus fundadores, através de instituições de crédito já existentes no país entre as quais podemos citar o Banco do Nordeste do Brasil, a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP),a Associação de Crédito e Assistência Rural do Nordeste (ANCAR), o Serviço de Informação Agrícola (SIA),o Serviço Social Rural(SSR), etc. Acredito que uma articulação destas instituições em favor de certos homens dotados de capacidade de liderança e de administração já comprovada, daria excelentes resultados. Como exemplo poderíamos citar no nosso Estado o Pe. Milton Arruda, Diretor do Centro de Iniciação Profissional Francisco Leandro, no município de Santa Luzia, que vem realizando uma obra social de grande interesse para o local, irradiando a sua ação para o município de São Mamede, onde deveríamos instalar outro Centro.

Todos nos sabemos como se torna complicada a obtenção de obtenção junto a certas instituições de crédito, obrigando a pessoa interessada a se deslocar do centro de

suas atividades, por dias e meses, quebrando o ritmo de trabalho que coordena os interesses da região. Em vez de se deslocar do seu raio de ação, seria mais proveitoso que, mediante solicitação, fosse enviada fiscalização ao local, para verificar o que já estivesse realizado e o que fosse possível realizar e daí por diante o pedido de financiamento seguiria a tramitação cultural, sem dificuldades e delongas que retardassem a ação. A região que estamos estudando, no momento, se prestaria, por exemplo para o desenvolvimento de ume indústria de artigos de cerâmica e telhas de amianto. Existem no local oficinas instaladas por iniciativa do Pe. Milton Arruda, e também um museu em miniatura com mais de 150 pedras classificadas. Tudo isto foi observado por D. Estela Luz, quando de sua visita ao nosso Estado. Nesta benemérita obra colaborou eficazmente o juiz Semeão Cananea. Dando cumprimento a um dispositivo da Constituição, processava todo indivíduo que deixasse de mandar o filho à escola, sem motivo justificado. No seu apostolado ia à casa dos alunos que não comparecessem às aulas, providenciando medicamentos aos doentes, roupa aos necessitados etc. através de una instituição de assistência social por ele fundada. Podemos dizer que a geração por ele encontrada em Santa Luzia está toda alfabetizada. A homens desta espécie é que o Governo deveria dar a mão, porque são vocações comprovadas pera o mister, com capacidade de liderança para transformar uma região. Transferido para o município de Bananeiras lá se acha em franca atuação. Foi substituído pelo juiz Hamilton Noves que está continuando a obra, iniciada pelo seu antecessor, ampliando-a com a instalação de uma boa biblioteca escolar. O Juiz do interior é pessoa de grande prestígio que pode exercer, em casos idênticos, substancial ajuda à instrução. A sua ação deveria estender-se a uma obra de amparo à juventude abandonada que se acostuma a esmolar de porta em porta, numa vida ociosa que levará fatalmente ao vício e ao crime. Em Bananeiras a sua atuação poderá encontrar correspondência na escola agro-técnica mantida pelo Governo Federal e cuja capacidade deveria ser aumentada, por vir comprovando a sua eficácia e pelo fato de fornecer uma educação adequada ao meio. Outras deveriam surgir nos demais municípios como um meio de redenção progressiva do Nordeste e de preparação para os trabalhos do campo.

O que foi exposto a respeito do Pe. Milton Arruda pode ser repetido em relação ao Pe. Rui Vieira que dirige com muita eficiência o Centro de Iniciação Profissional de Areia, onde se acha instalada a Escola de Agronomia. Com ótimas instalações, professorado idôneo e capaz, clima excelente, área de experimentação de grande amplitude, condições de internamento que nada deia a desejar, enfim, com todos os requisitos para atender às necessidades do meio, não encontra esta escola a aceitação que seria de esperar, porquanto cada ano as turmas concluintes são de três, quatro alunos. Investigando por várias vezes a causa desta evasão, pude concluir que os alunos concluintes encontram depois sérias dificuldades para obter emprego, o que leva os jovens a fugir de procurar preparo em cargos técnicos de real carência para o país. Creio que o modo de sanar tal estado de cousas, seria procurar o Governo vender aos agrônomos, a prazo longo, áreas cultiváveis, facilitando capital para beneficiamento de terra, máquinas, adubos, silos, etc., com previsão futura para industrialização dos produtos da terra que poderiam atrair capitais do sul. Muitas crises se têm verificado pela falta de associar a indústria à agricultura, na mesma região. Sirva de exemplo a agave que vem ameaçando, vez por outra, a economia do Estado por falta desta coordenação. Em ação conjunta com o agrônomo, funcionaria um posto de higiene com médico e serviço de enfermagem.

Seria de grande utilidade a concessão de um Centro de Iniciação para Remígio, município também supervisionado pelo Pe. Rui Vieira.

O Centro de Iniciação Profissional de Cabedelo está sob a direção do Pe. Alfredo Barbosa e das Irmãs Missionárias da Casa do Calvário com sede na Capital. Instalado numa zona de extrema pobreza e grande corrupção, vem concorrendo maravilhosamente, graças à ação coordenada de seus dirigentes, para se tornar um centro de grande atração. Observe-se que, no início, se verificava verdadeiro descase pela escola e este ano tivemos de encerrar a matrícula no terceiro dia, por não podermos atender a todos os pedidos. Acham-se as Irmãs do Calvário vivamente interessadas em instalar na Capital um Centro para educação de empregadas domésticas, o que seria de grande utilidade e aceitação. Atuando diretamente com as famílias, com responsabilidade pela guarda das crianças na ausência da dona da casa que passa a maior parte do dia na repartição pública onde é funcionária ou na escola onde ensina, precisa a doméstica receber orientação apropriada. Ninguém desconhece hoje a falta de domésticas de confiança e a influência que podem exercer na educação das crianças que permanecem a maior parte do tempo em sua companhia.

Outros Centros seriam indispensáveis em Mandacaru, Varjão e outras zonas próximas da Capital. No Varjão, há rapazinhos que solicitam até ingresso na Escola Correcional de Pindobal, porque não há possibilidade de encontrar outra. A Escola de Pindobal (reformatório) é, hoje, graças à sua excelente Diretora Jandira Pinto, um verdadeiro centro de reeducação social. Compreensiva e humana, vem realizando uma obra de grande relevância que deveria ser estimulada, fornecendo-lhe meios de ampliar a sua ação.

O Instituto D. Adauto a cargo do Mons. Pedro Anízio que contribuiu com uma tese para o II Congresso de Educação de Adultos, é também um núcleo quo está a merecer maior ajuda do Governo pelo serviço que vem prestando.

O Centro de Iniciação de Alagoinha está a cargo do operoso e honrado prefeito Elógio Martins. Assisti ao encerramento das atividades do Centro o ano passado e fiquei vivamente entusiasmada com os resultados obtidos. Muito me impressionou, entre as alunas de corte e costura, uma mocinha, filha de um barbeiro que tem una família de dez filhos. Sensibilizou-me a alegria estampada na fisionomia dos pais e da concluinte pela possibilidade de economizar as despesas com a confecção da roupa. A mocinha já recebe encomendas que executa na sede do nosso serviço, na máquina cedida bondosamente pelo Prefeito, nas horas em que as aulas não estão em funcionamento. Em tais casos, o Serviço de Assistência Social deveria atuar, adquirindo una máquina que fosse vendida a longo prazo.

Temos pedidos de Centros para os municípios de Monteiro, Taperoá, Conceição e outros, a que, infelizmente, não podemos atender.

O Primeiro Grupamento de Engenharia, com sede na Capital e atuação em diversos pontos do interior, vem colaborando de um modo muito eficaz. Mantém una escola volante que acompanha a estrada e proporciona aos recrutas conhecimentos que lhes permitem, de volta ao campo, melhorar suas condições de vida. A seriedade, o espírito de disciplina, objetividade e critério que regem as corporações militares dispensam comentários quanto aos resultados obtidos. O Coronel Comandante do 1º G. E., Afonso Augusto de Albuquerque Lima, honrando-nos com a sua presença, quando da reunião realizada na Secretaria de Educação e Cultura, muito nos impressionou pelo senso prático e

conhecimento dos problemas do Nordeste. Muito também ficamos a dever aos dignos comandantes do 15º R.I, e Força Pública pela solicitude com que atenderam ao nosso apelo.

Quanto aos Cursos de Alfabetização de Adultos volto a insistir na falta de que se ressente o nosso serviço de um veículo para estabelecer articulação com as unidades do interior do Estado. Nos Acordos firmados entre os Estados e o Governo Federal fica-se sempre a esperar que a União, como força superior, forneça tudo, embora os campos estejam delineados. Seria mais prático cobrar do Estado de uma maneira mais objetiva, uma determinada cota, para a qual colaborassem os municípios, de acordo com o número de cursos com que fossem contemplados. Essa cota seria recolhida aos cofres da União, destinar-se-ia à aquisição e conservação de um veículo possante, para resistir às nossas péssimas estradas, despesa de combustível, motorista, etc., como também proporcionar ajuda a determinadas escolas para compra de lâmpadas, querosene etc. Destinar-se-ia, ainda, à aparelhagem da sede da administração para compra de máquinas de datilografia, mimeógrafo, armários, gratificação por serviço extraordinário em casos especiais, telegramas, carreto, correspondência, etc.

No Acordo deveria ficar consignada a assinatura de um termo de responsabilidade quanto ao uso exclusivo do veículo para o serviço da Campanha.

Só assim poderíamos dar ao trabalho o maior rendimento possível quanto à fiscalização, orientação pedagógica, distribuição de material, pagamento de gratificação, recolhimento de boletins e folhas de pagamento, etc.

Não é possível dar maior rendimento aos cursos com os meios de que dispomos.

O nosso setor pretende envidar esforços para colaboração do voluntariado, apelando pare os estudantes das diversas escolas de nível secundário. Cada estudante colaboraria espontaneamente com compromisso de alfabetizar uma pessoa, contando com a assistência do serviço. A ideia despertou muito entusiasmo, mas só poderá ser levada a efeito no segundo semestre. Como medida de estímulo, a Campanha poderia consignar uma menção honrosa de benemerência aos que cumprissem o compromisso ou um prêmio aos que alfabetizassem determinado número de pessoas. Na aurora da vida, as causas nobres sempre encontram muita receptividade.

Aqui ficam as nossas observações sobre o assunto que passaremos a resumir para ressaltar-lhes a importância e objetividade:

a) preparo do homem para adaptá-lo ao meio o capacitá-lo à posse dos bens;

b) aperfeiçoamento do professorado;

c) preparo da elite pelo aprimoramento da instrução secundária e superior;

d) ajustamento da máquina política pera o provimento dos cargos públicos mediante um processo seletivo de valores que estimule a juventude para os altos interesses da nacionalidade;

e) ajuda substancial aos elementos que revelem capacidade de liderança para proporcionar a redenção progressiva da região;

f) concurso de magistratura para amparo dos menores abandonados e menores delinquentes;

g) aumento do número de escolas agro-técnicas da região nordestina;

h) venda a longo prazo de áreas cultiváveis e campos de criação aos alunos concluintes da Escola de Agronomia e concessão de crédito;

i) instalação de posto médico e de enfermagem nos centros rurais;
j) aumento do número de Centros de Iniciação Profissional e do auxílio financeiro correspondente a Cr$ 100.000,00(cem mil cruzeiros);
l) ampliação do Serviço de Assistência Social para estimular as vocações e a iniciativa particular;
m) restauração da verba de administração robustecida pela contribuição do Estado através dos municípios;
n) medidas de incentivo ao voluntariado;
o) construção de pequenos açudes e perfuração de poços artesianos;
p) abertura de estradas e conservação das existentes para escoamento dos produtos do solo;
r) aumento do selo de Educação e Saúde para permitir maior assistência educacional e sanitária no Nordeste;
s) melhoria da gratificação aos cursos da Campanha para garantir melhor seleção e maior estabilidade do professorado.

Não quero, porém, encerrar este trabalho sem consignar os meus agradecimentos aos Delegados de Ensino, Inspetores Escolares, Orientadoras Educacionais e Diretores de Grupos Escolares, graças aos quais vem a Campanha realizando alguma cousa de meritório na Paraíba.

As minhas dedicadas auxiliares Amália Veloso Soares, Malba Ferreira Soares, Marieta Rodrigues, Maria da Penha Rodrigues e Teresa Simplício o meu voto de louvor pelos excelentes serviços prestados, fazendo-o extensivo ao eficiente colaborador Sr. José Macedo.